

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

“Peço perdão, não posso viver mais.”
AUTOS DE SUICÍDIO – UBERLÂNDIA (1940-1950)

ELISÂNGELA MARTINS RODRIGUES

3918
S. 9 (c)

ELISÂNGELA MARTINS RODRIGUES

**“Peço perdão, não posso viver mais.”
AUTOS DE SUICÍDIO – UBERLÂNDIA (1940-1950)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em História, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Puga.

Uberlândia, agosto de 2007.

ELISÂNGELA MARTINS RODRIGUES

**“PEÇO PERDÃO, NÃO POSSO VIVER MAIS.”
AUTOS DE SUICÍDIO – UBERLÂNDIA (1940-1950)**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia Puga – Orientadora

Maria Clarice Rodrigues Sousa

Rosana de Jesus dos Santos

Ficha Catalográfica

Rodrigues, Elisângela Martins, 1982.

“Peço perdão, não posso viver mais.” AUTOS DE SUICÍDIO – UBERLÂNDIA (1940-1950).

Elisângela Martins Rodrigues - Uberlândia, 2007.

Orientadora: Profª. Drª. Vera Lúcia Puga.

Monografia (bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Palavras chaves: Suicídios, Uberlândia, Sociedade.

Dedicatória:

"Sou eu quem vai ouvir você quando o mundo não puder te entender, foi Deus quem te escolheu pra ser o melhor amigo que eu pudesse ter, amigos pra sempre, amigos pra sempre, pra sempre amigos sim..." (Anjos de Resgate - Amigos pela fé)

Poderia citar aqui vários nomes, pessoas preciosas em minha vida, as quais eu deveria agradecer sempre, não só porque me ajudaram a concluir esse trabalho, mas sim por participarem de tantas coisas em minha vida.

Deus eu te agradeço pela vida que tenho minha família, meu amor, meus amigos, pelas alegrias e também pelos momentos tristes que já passei, é esse caminhar que me ajuda a cada dia na tentativa de ser uma pessoa melhor.

A minha Vovó Maria Francisca e vovô Valdemar (foram mamãe e papai, enviados por Deus), obrigado por tudo, o que seria de mim sem vocês dois, se cheguei até aqui e ainda irei mais longe foi pelo esforço de vocês, por tudo que me ensinaram, pelo incentivo e pela bronca que sempre chegaram na hora certa, obrigado milhões de vezes. Amo muito vocês.

A todas aquelas pessoas que conhecem meus defeitos e minhas qualidades, as quais posso chamar amigos, toda minha família, ao namorado Vitor que sempre foi compreensivo e carinhoso, a amiga muito especial Lillian pela leitura e conversas sempre acolhedoras.

Agradecimentos:

Aos professores (as) e funcionários (as) do INHIS – Instituto de História, aos funcionários (as) do CDHIS – Centro de Documentação e Memória em História da UFU e do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Dulcina, muito obrigado, pela leitura e conselhos preciosos.

À Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Puga pelas orientações sempre pertinentes, sua leitura, as dicas e as nossas conversas me auxiliaram muito nesse trabalho. Muito obrigado!

À banca examinadora, pela disponibilidade na leitura e nas sugestões.

Resumo

O trabalho aqui desenvolvido compreende a pesquisa sobre os suicídios ocorridos em Uberlândia durante as décadas de 40 e 50, a análise feita pretende abordar esses suicídios a partir dos acontecimentos sociais privilegiando o indivíduo inserido na sociedade.

A pesquisa busca entender como os suicídios são acontecimentos relacionados com a dinâmica social, o suicida ao tomar a atitude de dar fim a sua vida pode estar sendo pressionado por essa dinâmica que impõe um ritmo de vida específico aos sujeitos. Ao analisar esses casos somente do ponto de vista da loucura podemos estar minimizando o papel da sociedade na vida das pessoas.

Nesse viés a leitura da documentação busca recuperar a vivência dos suicidas na cidade de Uberlândia, Nas falas das testemunhas, das autoridades policiais recuperar quem eram essas pessoas, por quais dificuldades elas passavam, a que classe social pertenciam enfim buscar entender em que contexto os suicídios ocorreram.

Pensar sobre os aspectos econômicos, sociais, políticos, religiosos e culturais que estão sendo vivenciados por essas pessoas nesse momento histórico

Sumário:

Introdução.....	9
Capítulo 1	
A fala e a realidade:	
Uberlândia - cidade do trabalho, da paz e do progresso?.....	18
Capítulo 2	
Dessa vida nada se leva: tragédia passional e suicídio.....	36
Considerações finais.....	53
Referências Bibliográficas.....	57

Introdução

Este trabalho pretende contribuir com estudos sobre os casos de suicídio ocorridos em Uberlândia no período de 1939 a 1950. Interessa buscar com sua análise a história de vida dos indivíduos e da sociedade em que estes estão inseridos; abordar questões culturais, econômicas, religiosas, sociais e de como o imaginário da época em estudo vê o suicídio; como são noticiados em jornais; e também como se encontrava a cidade durante estes anos para que a taxa de mortes voluntárias viessem a acontecer.

O início da pesquisa se deu com o levantamento dos casos de suicídio através das investigações policiais, instaladas para apurar as causas das mortes, tendo em vista que as informações que constam nesses boletins de ocorrência tentam recriar a vida do suicida, por isso torna-se primordial para a pesquisa do tema e sua análise. A riqueza documental presente na pesquisa dos processos criminais está presente não somente nos casos aqui abordados, como também em outros tipos de ocorrência. Essas fontes trazem características da sociedade uberlandense, oferecendo para nós, historiadores e demais pesquisadores, elementos de observação nos quais podemos traçar considerações sobre o momento estudado.

Como assinala o historiador Sidney Chahoul¹, o interesse que os historiadores têm pelos arquivos judiciais é relativamente recente. É coisa que vem desde a década de 1960, e com grande intensidade a partir dos anos 70 do século XX. Esse interesse está relacionado com as dificuldades em produção historiográfica existentes durante a década de 60, na ditadura militar. O arquivo judicial torna-se para o ofício do historiador uma fonte onde se busca recuperar a história de vida de mulheres, homossexuais, negros, pobres e outros setores até então desprivilegiados; o uso dessa documentação aliado com outras fontes acarreta sem dúvida novos olhares sobre o que é fazer história.

No que se refere ao uso de processos criminais um nome pioneiro no uso dessa documentação é o do historiador italiano Carlo Guinzburg², em sua obra “O Queijo e os Vermes” escrita no final dos anos 1970, em que o autor

¹ Professor Titular no departamento de história da UNICAMP (São Paulo). Texto produzido a partir da palestra proferida no TRT 4ª Região, por ocasião do Curso de formação de multiplicadores em “Políticas de resgate, preservação, conservação e restauração do patrimônio histórico da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul”, no dia 03 de junho de 2005. A Palestra recebeu o título “A importância do processo judicial para a memória de uma Nação moderna”.

² GUINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*, 1970.

propõe a partir do processo de inquisição do moleiro Menochio e de outra série de processos uma narrativa sobre a cultura popular camponesa e suas experiências de vida, baseadas no momento histórico nos quais esses sujeitos estão inseridos.

Outra colaboração que Guinzburg apresenta é sobre as diferentes maneiras de utilizar os processos judiciais. No discurso legal a justiça constrói baseada nos fatos uma narrativa coesa e que expresse a verdade, na construção historiográfica faz-se necessário analisar a quem essa verdade pertence e dialogar com as fontes na medida em que temos diversas leituras para um mesmo acontecimento. Portanto, o uso que se faz dessa verdade são diferenciados para o juiz e para o historiador.³

O contato com as fontes judiciais foi possível através de estágio realizado no GT Violência⁴, grupo de estudos e discussões que trabalha entre outros aspectos os temas da violência, da moral e dos costumes, através da análise e do entendimento dessas fontes como material de pesquisa no qual se pode entender a realidade pesquisada. Esses documentos vieram a compor o acervo histórico do CDHIS - Centro de Documentação e Pesquisa em História desde o ano de 1998. Atualmente, vemos o quanto a importância desta documentação vem crescendo, graças a diversas pesquisas que vem sendo realizadas em âmbito local e nacional.

A pesquisa aborda vários casos de suicídio, porém aqui não trataremos de todos eles, mas sim aqueles que além de tratar sobre o caso de suicídio abarcam também dados relevantes sobre a cidade de Uberlândia e sobre o imaginário da época. Ao pensar nesse aspecto, tentar estabelecer uma ligação entre os suicídios e a realidade vivida na sociedade uberlandense. Nesse sentido, vamos de encontro com a fala do autor Georges Minois, onde o mesmo coloca

³ GUINZBURG, Carlo. "El juez y ek gustiruar". Tradução Alberto Claveria, Madrid, Anya, 1993.

⁴ O projeto de Grupo de Trabalho sobre o tema da Violência, iniciado em 1998, prepara o acervo de Processos Jurídicos para pesquisa, os documentos passam por processos de higienização, restauração, catalogação e informatização. As fontes abrangem o período do final do século XIX até o ano de 1985, foi a partir de estágio realizado no grupo que surgiu a disponibilidade de trabalhar com o tema do Suicídio na cidade de Uberlândia.

Esse grupo é coordenado pela Professora Dra. Vera Lúcia Puga, o conjunto de pesquisadores envolvidos buscam refletir e possibilitar o conhecimento histórico, realizando leituras que privilegiem o embate entre as diferentes classes sociais que permeiam o espaço da cidade de Uberlândia.

*Em 1600, no Hamlet, e com uma terrível simplicidade, Shakespeare colocou o problema fundamental: "Ser ou não ser? Eis a questão". E será essa a questão que nos servirá de guia. Porque é que, nessa época, alguns homens optaram por deixar de viver? Cada um deles tinham suas razões e importa tentar compreender como é que essa atitude é reveladora dos valores vitais da sociedade, porque isso compromete ao mesmo tempo o indivíduo e o grupo.*⁵

Ao tratar desse tema é pertinente observar que, no campo historiográfico, com a chamada História Nova, no início do século XX, abriu-se possibilidades de pesquisas em novos temas, com novas abordagens e também a abertura para novas fontes. Nesse caso, observamos o quanto os documentos jurídicos são ricos, pois trazem para o pesquisador fontes de análise e entendimento da sociedade em que vivemos.

O uso das fontes judiciais como objetos de pesquisa, nos leva a analisar a história voltada sob outra ótica na qual não temos somente as falas e pensamentos de uma classe social privilegiada e dominante, mas existe também nessa documentação os registros pertencentes às classes subalternas e principalmente o embate entre esses dois grupos divergentes.

É necessário, porém, a leitura atenta e o diálogo com essas fontes, assim como propõe Burke (1992) por isso é necessário ler o documento nas entrelinhas⁶, durante a pesquisa é feita tentativa de traçar esse caminho de leitura, a partir dessas fontes é possível compreender a realidade e mudanças políticas, econômicas, sociais e morais que se passam na cidade de Uberlândia.

Acreditamos que as fontes documentais que abarcam os casos de suicídio trazem em seu bojo elementos capazes de oferecer uma leitura mais ampla sobre a cidade. Entendemos que a história também se faz a partir desses relatos cotidianos do que ocorre no seio da sociedade e não somente entre as elites.

As fontes não falam por si só, e não explicam teorias prévias, é necessário durante a escrita desenvolver uma narrativa que ligue e explique a

⁵ MINOIS, Georges. **História do Suicídio**. A sociedade ocidental perante a morte voluntária. Coleção Teorema – Série Especial. 1995. p. 09

⁶ BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: ed. Unesp, 1992, p.25.

relação entre as fontes e a problemática que as mesmas suscitam, buscando assim atender aos objetivos propostos no início do trabalho.

De acordo com Giovanni Levi:

*Acredito que serviram para ancorar firmemente esses historiadores à idéia de que a pesquisa histórica não é uma atividade puramente retórica e estética (...) a micro-história é um elemento de análise onde o princípio unificador de toda pesquisa é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados.*⁷

Vários fatores devem ser considerados no trabalho historiográfico, entre eles a metodologia utilizada na pesquisa, aqui nesse trabalho houve o intercâmbio entre as investigações policiais e a reprodução dos casos na imprensa. Esses são pequenos elementos de observação para os quais devemos nos atentar, a construção da narrativa histórica perpassa o caminho de busca e leitura de diversas peças sem as quais não é possível montar o quebra-cabeça.

O pesquisador deve buscar apreender para além do que está registrado, é preciso ler também aquilo que não está colocado de maneira clara, as informações que ficam ocultas nas entrelinhas e não estão explícitas. A preocupação do poder judiciário é construir um discurso onde não exista margem para dúvidas, mas na realidade nem sempre é coeso e deixa em nós expectativas de algo não tão bem resolvido como tenta transparecer.

Esse discurso forjado pela justiça é construído através de um conjunto de normas e regras investigativas, todos os casos de suicídio que chegam ao conhecimento da polícia seguem uma conduta de investigação, da qual constam os seguintes passos: abertura de portaria, nomeação de peritos, exame cadavérico, inquirição das testemunhas e familiares, tentativa de estabelecer um motivo para o suicídio, leitura da vida do suicida, análise de cartas, elaboração de relatório e finalização do inquérito, apontando se realmente foi um suicídio.

O tratamento que a polícia dá ao elaborar a conclusão depende de cada caso, o poder judiciário coloca a motivação das mortes em escalas aceitáveis

⁷ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: **A escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: ed. Unesp, 1992, p.25.

ou não aceitáveis. Dessa maneira, tenta manipular a vida das pessoas elaborando parâmetros de julgamento baseados na leitura e entendimento dos magistrados, por exemplo, quando um homem se suicida motivado por problemas financeiros, sua ação é vista como aceitável, mas se o que motivou tal ato foram problemas relacionados ao campo afetivo, sua ação é classificada como inferior. O indivíduo que pratica tal ato é fraco e sem poder de decisão sobre seus problemas, alguém que age no desespero.

As investigações policiais apontam nosso olhar para as causas dos suicídios, ao que parece é como se o motivador da morte fosse o indiciado do crime. Cada relatório policial defende um ponto de vista diferente e analisa subjetivamente os casos, a justiça representada sob uma imagem imparcial, na verdade toma partido, tentando justificar ou punir quem tirou sua própria vida.

Cabe refletir o porquê dessa ambigüidade em tratar os casos. Devemos considerar o movimento histórico de negação e aceitação do suicídio, até mesmo a herança que temos da antiguidade traz esse dilema. No imaginário medieval o suicídio por vezes é visto como uma atitude louvável, demonstrando a total liberdade do ser humano ao dispor de sua própria vida, e em outros casos o suicida é visto como um covarde que não consegue enfrentar seus problemas, negando-se a participar e contribuir para com a sociedade em que vive.

Dificuldades se colocam no estudo desses casos de suicídio, pudemos perceber que existe um temor de que um relato de suicídio seja capaz de gerar uma onda de casos, essa preocupação é presente até mesmo nos dias de hoje. A exemplo disso, podemos citar um trecho da reportagem veiculada no Jornal Correio⁸ do dia 04 de dezembro de 2005, nesse temos a seguinte fala “mas o medo de fazer crescer os números tolhe a divulgação de quantas pessoas se suicidaram nos últimos anos”⁹.

Nesse sentido, com os dados e as fichas já levantadas e no decorrer da pesquisa também surgiu esse questionamento, até que ponto os números levantados faziam realmente frente com o que estava ocorrendo, e se os casos estudados representam o que acontecia nas décadas de 40 e 50. Por esse

⁸ O Jornal Correio de Uberlândia começa a circular em 1938 pela ação de Osório José Junqueira, o mesmo tinha como proposta editorial comprometer-se com as idéias elitistas da cidade.

⁹ Jornal Correio de Uberlândia. 04 de dezembro de 2005. Uma atitude extrema para um problema apenas temporário.

motivo é que buscamos estudar o suicídio como um aspecto social e não como episódios destacados do viver em sociedade.

Os registros aos quais tivemos acesso, assim como já foi dito, são as investigações policiais, nas quais se procura averiguar a veracidade do suicídio. Acredito que essas fontes policiais tenham uma finalidade imediata que é acompanhar a rotina da cidade, a polícia tenta impor uma ordem vigente e busca acompanhar o que acontece com os moradores.

Outra fonte consultada foi o Jornal Correio de Uberlândia. Nas edições desse jornal não existe uma linearidade de registros, vez ou outra surge algum caso noticiado, quase sempre com sensacionalismo o anúncio é passado de maneira a causar um choque nos leitores, os títulos das reportagens normalmente trazem os seguintes dizeres: "Brutal cena de sangue", ou ainda nomeando o suicídio como um gesto trespoucado.

Um problema ao trabalhar com essas fontes é analisar o discurso que as mesmas elaboram tentando desmoralizar a figura do suicida. Nas falas pode-se perceber esse intuito colocado de maneira muito sutil. Pensar de que maneira isso está sendo colocado é importante, pois a construção dessa idéia vem de encontro com o interesse de impedir que outros casos aconteçam, mas cabe investigar quais políticas estão sendo efetivamente adotadas para impedir o fim da vida dessas pessoas.

Nas poucas cartas e fotografias existentes nas investigações, é possível perceber como aquela pessoa que se matou ainda tenta estabelecer uma ligação com as outras pessoas, explicando seu ato, eximindo alguém de culpa, ou até mesmo deixando recomendações para os familiares e amigos. Algumas dessas fontes são difíceis de ser trabalhadas, devido à caligrafia e a escrita coloquial, porém deixam registros importantes nos quais devemos nos basear ao tentar levantar aspectos da vida dessas pessoas.

Esse trabalho se divide em dois capítulos, no primeiro falaremos sobre a cidade de Uberlândia, levantando aspectos culturais, econômicos, políticos, religiosos e sociais que nos auxiliem a pensar na relação indivíduo e cidade, qual era o cotidiano vivido pelos moradores dessa cidade. Por quais mudanças a cidade passa na sua inserção dentro dos planos de desenvolvimento implantados ao longo do século XX.

Esclarecer de que maneira foi possível chegar ao tema do suicídio e por que esse estudo é relevante para compreender as contradições enfrentadas pela cidade, no campo ideológico a cidade é vista como um paraíso onde todos podem desfrutar, porém a exclusão existe e se mostra mais presente do que as elites pretendem.

A pesquisa pretende lançar um novo olhar sobre a atitude do suicida, nesse sentido ainda no primeiro capítulo, *A fala e a realidade: Uberlândia-cidade do trabalho, da paz e do progresso?*, é feita a seguinte análise sobre os casos; como esses homens e mulheres vivenciam suas experiências no meio social em que estão inseridos, a cidade de Uberlândia. Se o ato de tirar a própria vida é visto imediatamente como um ato de loucura, é necessário pensar o suicídio por outro viés, através da relação entre sujeito e meio social.

A cidade de Uberlândia é pano de fundo nas relações que os sujeitos trazem para suas vidas, como esses sujeitos se vêem na cidade pode ser um dos motivadores para suas atitudes. Pensando sobre esse aspecto, falaremos sobre os suicídios que trazem como motivadores questões ligadas a fatores financeiros, problemas como desemprego, o alto custo de vida e a instabilidade financeira. Problemas latentes na sociedade capitalista no período estudado e também na atualidade, cabendo então refletir sobre essa problemática.

No segundo capítulo, *Dessa vida nada se leva: tragédia passional e suicídio*, outra leitura será feita tendo como ponto de partida as investigações que trazem os casos passionais, homens e mulheres que se suicidam motivados por problemas afetivos. Aqui será abordado também casos de homicídio seguidos por suicídios, casos que nos leva a compreensão dos papéis destinados a homens e mulheres no âmbito social, cada um deveria seguir aquilo que lhe foi colocado anteriormente. Esses moldes pré-estabelecidos levam à exclusão de pessoas que não tenham o comportamento considerado modelo.

Fazer uma leitura cuidadosa das cartas deixadas pelos suicidas também se faz importante, tentando recuperar quem foi aquela pessoa e como ela coloca sua ligação entre si mesma e seus familiares, amigos, sociedade. Em alguns casos podemos perceber como se dá o contato entre as pessoas e as regras sociais impostas a elas.

O esforço feito nesse trabalho é uma contribuição para o estudo do tema em nossa sociedade, cabem outras reflexões, o levantamento de outras dúvidas e questionamentos para que as mesmas apresentem novas leituras e possibilidades de entendimento.

Capítulo 1

A fala e a realidade: Uberlândia - cidade do trabalho, da paz e do progresso?

*Definitivamente, diremos, pois: chama-se suicídio todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir esse resultado. A tentativa de suicídio é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte.*¹⁰

Entender o suicídio como um fenômeno que está inscrito no movimento da sociedade é o que leva a pensá-lo como algo sempre presente, vez ou outra ouvimos notícias que dão conta dos casos que ocorre. O silêncio em torno do assunto existe, talvez por ser considerado um tabu e pouco se fale a respeito. Quando tocamos no assunto percebemos certo receio das pessoas em emitir sua opinião sobre tal assunto. A discussão sobre o suicídio é delicada, quando ouvimos falar que alguém se suicidou surge certa curiosidade, mas também constrangimento em fazer perguntas sobre o que aconteceu e quais foram os motivos de tal ato.

Todo esse cuidado ao considerar o assunto do suicídio está cercado de influências religiosas do cristianismo. Cabe então a pergunta que surge nessas conversas: Pode o ser humano dispor da própria vida? Sendo Deus o criador, não é somente ele que tem o direito de retirá-la? Questionamentos como esses permeiam conversas que surgem quando o assunto é o suicídio.

Na proposta de estudar os casos de suicídio, coloca-se uma necessidade em entender o alcance de várias vozes que ao emitirem suas opiniões constroem conceitos e contribuem para a interpretação que temos acerca do assunto. O nosso entendimento relaciona-se com tudo que já se pensou e produziu sobre esse fenômeno social, os conceitos não são dados a priori, mas sim construídos em determinado período histórico a partir do que se pensa e se discute, algumas dessas noções permanecem ainda hoje e são por nós modificadas.

Nesse sentido, é possível pensar na própria influência religiosa que traz questões interessantes sobre o aspecto do suicídio, o mundo ocidental foi e ainda é influenciado pelo cristianismo, dessa maneira a doutrina cristã prega

¹⁰ DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. Editora Martin Claret, 2003. p. 15

que o cristão não pode se apegar à vida terrena, ao contrário ele deve buscar sua redenção aos céus, esse entendimento levado à frente pela religiosidade exerceu muitas influências sobre o pensamento humano. As reflexões do autor George Minois (1998) em sua obra **História do Suicídio** colaboram com essa leitura, o suicídio então poderia ser visto como uma fuga ao pecado.

Durante a Idade Média a necessidade de desapego da própria vida se fez necessária para que os fiéis se dispusessem a lutar e a morrer em nome de sua fé. A exemplo disso podemos colocar a igreja católica, que soube explorar essa idéia e aplica - lá nas Cruzadas. Enfim, até mesmo entre os teólogos não fica claro qual postura adotar ou qual tipo de discurso utilizar quando se está falando sobre o suicídio.

Se o suicídio pode ser entendido como a opção pela morte voluntária, no medievo essa opção é velada sobre o manto da guerra religiosa ou dos torneios medievais, ou seja, a sociedade cria filtros que qualificam o aceitável e o reprovável dependendo de qual aspecto ocasionou a escolha pelo auto-extermínio. Essa dualidade em lidar com o assunto fica expressa no imaginário que recebemos e de alguma maneira se estabelece ainda hoje.

A elaboração das normas se faz com a finalidade de restringir as ações dos indivíduos, o conjunto de leis, os códigos de postura, os costumes presentes nas sociedades estabelecem os comportamentos desejados, criando regras e fazendo com que os indivíduos atendam a algumas dessas imposições que se dão de maneira clara ou disfarçada.

Michel Foucault¹¹ colabora com a discussão sobre o poder presente não somente nas relações entre instituições normatizadoras e a sociedade, o exercício de poder não se baseia somente entre a polícia e os indivíduos, mas também nas esferas mais cotidianas da nossa sociedade. A família, o trabalho, a escola são espaços representativos dessas relações de poder, na medida em que estão ocupados de sujeitos oriundos de diversas classes sociais.

As relações de poder entre homens e mulheres, patrões e empregados, professores e alunos, a exclusão gerada por relações desiguais entre as pessoas nos leva a constituir um grupo elevado que se sobrepõe sobre uma camada excluída da sociedade. Muitas vezes a reação dessas pessoas

¹¹ FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

excluídas é a revolta contra a sociedade no caso de roubos, contra o seu semelhante; o que leva a crimes como o homicídio, ou a revolta contra si mesmo que leva a reação suicida.

O suicídio ao ser estudado buscando suas causas e relações com a sociedade, gera um quadro específico que não se encaixa com outros casos que envolvam o estudo da morte. Não basta estudar os números, quantificar e qualificar os casos, a pesquisa desse tema aborda questões variadas de ordem médica, social, política, econômica, religiosa e cultural. Por esse motivo cabe no estudo do suicídio pensar a inclusão dos suicidas dentro da cidade, pensando suas atitudes dentro da realidade em que vivem, das suas dificuldades de vida sejam elas de ordem financeira ou não.

não se podem estudar os suicídios como se faz quanto aos danos causados pela peste ou tuberculose, porque a morte voluntária é um tipo de óbito cuja significação não é de ordem demográfica, mas filosófica, religiosa, moral e cultural. O silêncio e a dissimulação que a têm envolvido durante muito tempo instauraram um clima incomodo a seu respeito.¹²

Uma das dificuldades que se colocam para esse estudo é o silêncio, ou as opiniões pré-concebidas, que trazem em si preconceitos a respeito dos suicidas, vistos quase sempre como loucos. Parte desse incômodo sobre o suicídio se deve à herança de um pensamento que condenam aqueles que se matam, o suicida não é vítima, mas sim assassino de si mesmo. Podemos dizer que devido a isso o processo criminal é instaurado. Se matar é em vários aspectos um crime que se comete contra si, contra Deus, contra natureza e contra a sociedade, alguém deve ser responsabilizado e no caso existe um impasse, afinal, a vítima é seu próprio algoz.

O termo suicídio tem registro no fim do século XVII, até então a expressão usada era “carrasco de si mesmo”, como coloca o autor Georges Minois

desde a antiguidade mais recuada até nossos dias, muitos homens e mulheres escolheram a morte, mas essa escolha nunca passou indiferente. Aclamada em raras circunstâncias como ato de heroísmo, foi também muitas vezes objeto de reprovação social.¹³

¹² MINOIS, Georges. Op.cit, p. 08.

¹³ MINOIS, Georges. Op, cit., p. 09.

Atualmente, problemas como depressão, síndrome do pânico, transtorno obsessivo compulsivo e outras complicações de saúde consideradas doenças modernas, são vistas biologicamente como problemas que podem desencadear em tentativas ou em suicídios. Em contrapartida, no período estudado de 1939 a 1950, a maioria das investigações policiais falam em perturbações mentais e fazem questão de reforçar que o suicídio é um ato de pessoas que se deixam levar pela loucura.

Porém mais do que loucura, problemas mentais, coragem ou covardia pode-se dizer que um dos motivadores para colocar fim na própria vida é também a maneira pela qual o suicida se vê inserido ou excluído da sociedade em que vive. É necessário analisar quem são nas décadas de 40 e 50 os indivíduos que compõem essa sociedade e de que maneira vivem: pobres, negros, prostitutas, idosos e outras pessoas que tradicionalmente são excluídas e que tipo de discurso se constrói para legitimar a supressão desses indivíduos.

Aliar suicídio e loucura é uma tendência natural e até mesmo uma avaliação presente no senso comum, porém ao vermos alguns casos percebemos que as pessoas das quais falamos são ou parecem normais, sem traços que apresentem algum tipo de alienação mental. Partindo dessa leitura não podemos reduzir a morte voluntária apenas a loucura, como coloca Durkheim

*Para saber se o suicídio é ou não um ato próprio dos alienados, é preciso determinar primeiramente as formas que adquire na alienação mental, e em seguida verificar se os alienados são os únicos por ele afetados.*¹⁴

Na leitura de Durkheim não podemos classificar todo suicida como louco. Ao avaliar as causas de suicídio compreenderemos que pessoas não acometidas por estado de loucura, e que se encontrem entre os estados de alienação mental e de equilíbrio perfeito da inteligência, estão intermediadas por estados de anomalia diversas, que poderiam levar ao suicídio, uma dessas anomalias seriam até mesmo questões ligadas ao temperamento, ou seja, a maneira pela qual a pessoa se posiciona frente aos seus problemas.

¹⁴ DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. Editora Martin Claret. 2003, p. 42

O suicídio é visto em muitos casos, como um recurso extremo para problemas que possivelmente seriam de fácil resolução, a decisão para tirar a própria vida retoma a algo impensado e que por nenhum motivo deveria se deixar levar por essa solução. Aos olhos de quem está fora haverá sempre outra saída, nessa leitura a pessoa que se suicida é vista como alguém louco e que está fora de si.

Nas falas presentes nos arquivos podemos perceber esse posicionamento. Quando testemunhas e autoridades policiais nomeiam os suicidas como pessoas trelouçadas, loucas, possuidoras de debilidade mental ou enfraquecimento nervoso, alguns ainda apontam uma probabilidade hereditária dos suicidas, e também desvios de ordem moral que seriam causadores de suicídios como, por exemplo, envolvimento com álcool, drogas ou prostituição, essa vinculação pode ser entendida como uma maneira de normatizar e limitar os comportamentos considerados indesejáveis para a sociedade.

A interface entre diferentes grupos sociais é percebida quando se estuda esses casos, ainda mais apoiado em fontes criminais, em que temos discursos e falas de grupos dominantes e excluídos. Negligenciar esse movimento nos levaria abordagens restritas que atingem apenas questões econômicas e políticas. É preciso fazer essa leitura e reflexão sobre sujeitos considerados simples e pouco focados dentro do fazer social, pois a percepção de mundo dessas pessoas traz experiências ricas em seu modo de viver e de burlar a normatização social que se impõe através dos grupos dominantes.

O estudo de temas como o suicídio, traz leituras sobre o pensamento de pessoas que por motivos diversos escolheram não viver, dentro de uma mentalidade que prega a valorização da vida como dom de Deus e uma possibilidade de servir a sociedade, é necessário refletir qual é a dinâmica de funcionamento social que está sendo vivenciada pelas pessoas enquanto seres individuais.

A pesquisa do tema traz leituras sobre o imaginário de pessoas que ao relatarem suas idéias e pensamentos registram suas experiências e sua relação com aqueles que por motivos diversos escolheram o suicídio como recurso para suas vidas.

As cartas deixadas pelos suicidas revelam seus motivos e suas angústias, o desgosto pela vida muitas vezes está relacionado com problemas em seu meio social: ao homem à manutenção do lar do ponto de vista material e moral, ditando as regras e se fazendo obedecer; para as mulheres o ambiente restrito da proteção do pai quando solteira e casada aos cuidados do marido, a mulher deve ser moralista e cuidadosa para com sua reputação, esses são exemplos de vida nos quais podemos observar papéis definidos socialmente, para o homem, a manutenção do lar, e para a mulher, a honra, o lar e os filhos.

Quando esses papéis pré-definidos não são atendidos ou vivenciados é preciso pensar quais as conseqüências para as pessoas, a que tipo de coerção, mesmo que sutil, elas estarão sujeitas. Cada época cria meios de atribuir funções sociais para as pessoas. No caso de Uberlândia construída sobre a idéia de cidade progressista, um comportamento bastante difundido era também o da população trabalhadora e ordeira.

Pensar sobre esses comportamentos enquanto construção social nos leva a entender os suicídios nas décadas de 40 e 50, inseridos e integrados na história da cidade de Uberlândia¹⁵, buscando entender acima de tudo como essa cidade se relaciona com seus cidadãos, como as pessoas que aqui convivem estão interagindo no espaço da cidade, ao fazer um levantamento dos casos é possível traçar um perfil da vida dessas pessoas, cabe então entender como era a vida delas dentro da cidade de Uberlândia.

É interessante a esse trabalho buscar essa leitura dos casos focando na relação dos indivíduos e os espaços que eles ocupam, nos depoimentos, falas judiciais e cartas a documentação deixa entrever a relação entre as crenças, idéias e preconceitos, analisar a criação desse imaginário relacionando o mesmo com a cidade é de suma importância.¹⁶

Nas décadas de 40 e 50, o Brasil queria se construir em bases sólidas, tendo como meta a inserção no plano mundial com o desenvolvimento e a

¹⁵ Uberlândia, antiga São Pedro de Uberabinha, tem hoje mais de 600 mil habitantes e está localizada no Triângulo Mineiro, interior de Minas Gerais. Na construção da cidade observamos que cada grupo social tenta forjar uma identidade entre si e a cidade. A cidade é vista como um espaço de discursos e práticas divergentes, na qual é representado visões de mundo e reflexões sobre a cidade.

¹⁶ Vários pesquisadores realizam seus trabalhos tendo como tema ou foco de análise a cidade de Uberlândia, para isso ver: Prof^a. Dr^a. Maria Clara Tomaz Machado, Prof^a. Dr^a Vera Lucia Puga, Prof. Dr. João Marcos Além, Ms. Valéria Maria Queiroz Cavalcante Lopes e outros.

industrialização, pois após a república velha o desejo latente era deixar de lado a área rural e se dedicar mais a urbanização do país, estendendo esse interesse para várias regiões.

Essas necessidades estavam representadas nos planos governamentais, a começar pelo governo de Getúlio Vargas, e seguido por Juscelino Kubitschek, ambos tinham como primazia para seus governos a questão da urbanização, desenvolvimentismo, industrialização e interiorização do Brasil, através de estratégias como a Marcha para o Oeste e a Expedição Roncador-Xingu. O plano se empenhava também em promover a migração de pessoas para o centro do país, povoando regiões que estavam desocupadas além de outros objetivos que deveriam ser alcançados.

A cidade de Uberlândia participará desse processo, um dos fatores que levam a essa inserção está colocado na “capacidade da classe dominante em articular e pôr em prática todo um discurso político do progresso e da ordem.”¹⁷ Esse discurso dominante consegue silenciar outras vozes, que ao não serem participativas desse processo não se encontram refletidas nas falas progressistas que a elite uberlandense deseja como única.

Uberlândia se insere no plano nacional desenvolvimentista à medida que recebe do governo federal incentivos, participando de uma estratégia de desenvolvimento “em um projeto maior de expansão e colonização do interior do país, concebido por Vargas através da Fundação Brasil Central, e intitulado “Marcha para o Oeste” que Uberlândia se inseriu como base da expedição Roncador-Xingu”.

Através da imprensa, a cidade é alvo de discursos que ressaltam suas qualidades, desde sua posição geográfica até sua possibilidade de crescer economicamente, assim como trata Maria Clara Tomaz Machado:

É possível perceber que os projetos políticos da classe dominante aí instalados objetivaram, estrategicamente, consolidar sua posição geográfica como pólo comercial regional, capaz de interligar o centro-oeste com o sudeste do país. Uberlândia foi, de fato, na década de 1950, o lugar catalisador da maior parte da produção de mercadorias da região e esse foi o impulso que, necessariamente, colocou esta cidade

¹⁷ MACHADO Maria Clara Tomaz. **Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950 – 1985)**. São Paulo, USP, 1998.

*no circuito do mercado nacional, garantindo a acumulação e a produção do capital nela instalado.*¹⁸

Outro canal desse movimento de crescimento está na Fundação Brasil Central a mesma objetivava, de acordo com a leitura do Jornal Correio, valorizar o patrimônio e dinamizar as riquezas nacionais, pressupostos necessários para a inserção do Brasil no plano internacional como um país independente economicamente, as ações levadas à frente pelos planos nacionais levariam à conseqüências ainda mais positivas para o Brasil.

Esse projeto é estruturado com o envolvimento dos políticos e de órgãos da imprensa uberlandenses. O discurso corrobora para a idéia de cidade modelo baseado no binômio ordem e progresso, esse esforço está presente na necessidade colocada pela autora Sandra Mara Dantas em “negar vestígios do passado, confirmar novas práticas que expliquem as novas concepções de mundo.”¹⁹

Para confirmar as idéias positivistas levadas à frente pelas elites uberlandenses, a conseqüência imediata é a ocultação de vivências que destoam desse processo, as classes populares ficam excluídas do discurso vigente, mas nem por isso elas deixam de existir e de reivindicar por mudanças nas suas necessidades mais urgentes.

Ao avaliar a extensão dos problemas enfrentados nas décadas de 40 e 50, podemos perceber que uma das dificuldades encontradas eram os altos preços dos produtos alimentícios. Esse fenômeno chamado de carestia foi comentado através da imprensa escrita que acompanhava informando dia após dia os preços de produtos de primeira necessidade como pão, arroz e carne. Os meios de comunicação relatavam

*Só o desejo de enriquecer a 120 a hora, justifica a venda de arroz a cr\$ 4,50 e 5,00 o quilo, café a cr\$ 12,00, carne a cr\$ 8,00 e outros produtos a preços também proibitivos.*²⁰ [sic]

¹⁸ MACHADO, Maria Clara Tomaz. A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980). Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 1990, p.2-3.

¹⁹ DANTAS, Sandra Mara. **Veredas do Progresso em tons altissonantes** (1900-1950)

²⁰ Jornal Correio, Acervo Público Municipal, ano 1948.

É preciso pensar como os casos de suicídio se relacionam com essas questões, como as pessoas de origem mais humilde conviviam com esses problemas, a falta de alimentos trazia muitas dificuldades, pais e mães buscavam maneiras de sustentar suas famílias, e nem sempre podiam arcar com as despesas mais urgentes, nos casos estudados podemos observar que essas questões permeiam a vida das pessoas que buscam soluções para suas dificuldades de vida, sendo que algumas encontram como única saída desistir de viver.

Nessa perspectiva, em um dos casos estudados é presente a influência de problemas como a pobreza e a falta de perspectiva de vida, aliada com a esperança de um futuro melhor para os filhos. No suicídio de E. G²¹, a mesma no dia 23 de julho de 1940 se envenenou com cianureto de potássio e veio a falecer na via pública. Não existe ficha específica para este caso, por esse motivo não há como recolher dados sobre características físicas da vítima, já que nas declarações dos depoentes não são abordados tais aspectos.

Uma das pessoas que foram chamadas a depor sobre o ocorrido é a filha mais velha da suicida, de nome R. B., e assim qualificada nos autos de investigação: 15 anos, cor preta, estado civil solteira, profissão doméstica, grau de instrução analfabeta, disse que: sua mãe lhe entregou a irmã menor de dez meses e pediu que tomasse conta dela, entregou uma cruz de seu peito e colocou no peito da declarante, e deu-lhe a “benção”,

retirando-se após, a chorar, levando um copo limpo e um embrulhinho em uma das mãos e na outra duas galinhas; que a declarante perguntou a sua mãe porque chorava, porém em vez de responder sua progenitora determinou que a declarante fosse para a casa; que a declarante ficou intrigada, porém nada falou; que por volta das treze horas soube que sua mãe estava morta nas proximidades de um brejo na rua Bernardo Cupertino, e, dirigindo-se para esse lugar foi encontrar a mesma caída, morta, perto de um brejo da rua já aludida, constatando que sua progenitora suicidara-se ingerindo uma solução de formicida tatu. ²²[sic]

²¹ Os nomes dos suicidas, bem como das testemunhas presentes nas investigações policiais utilizadas no trabalho estão abreviados. Optei por não fazer uso dos nomes completos para preservar a identidade das vítimas, bem como de seus familiares.

²² Acervo Processos Criminais PC 34, ano 1940, Investigações Policiais, p. 3 verso.

Disse também que sua mãe levava uma vida pobre e miserável e muito infeliz, acreditando que esses motivos tenham sido as causas do suicídio.²³

Neste caso, a suicida deixou uma carta que mandou ser entregue a uma conhecida M. C. O., 42 anos, estado civil viúva, profissão doméstica, grau de instrução analfabeta, que também foi chamada a dar declarações:

*estava a depoente em sua casa quando recebeu de um menino uma carta e uma pequena lata de formicida tatu; que o menino disse a depoente que uma mulher havia lhe mandado entregar, sendo certo, que não lhe deu maiores explicações..*²⁴[sic]

Demais testemunhas colaboraram para a elucidação dos fatos, sendo que afirmam que E. G. tinha como motivos para o suicídio sua vida pobre e miserável, a carta da vítima é de difícil leitura devido à caligrafia e ao uso coloquial das palavras. Ela cita muitos nomes, sendo possível entender que ela se preocupa com o futuro das três filhas, delegando conhecidos para ficar com as mesmas, e deixando a cargo da mais velha os cuidados com a filha caçula.

Aqui é pertinente observar que algumas famílias ricas tinham o hábito de abrigar moças para trabalhos domésticos, essas moças tinham origem simples, pertenciam a famílias pobres que dependiam de seu trabalho para seu sustento. No caso de R. B., filha mais velha da vítima E. G., observamos que na carta ela comenta essa possibilidade da filha continuar trabalhando em outras casas.

Dificuldades financeiras, impossibilidade em trabalhar e sustentar a família são dificuldades muitas vezes relacionadas a problemas de saúde e podem ser os motivos apontados para vários casos, assim como assinala o suicídio de J. J. M. no ano de 1941, no dia 23 de abril através de ingestão de cianureto de potássio esse homem, pai de família pôs fim a sua vida, G. A. de J. esposa da vítima declara

Vivendo seu marido de serviços avulsos de lavoura e que era empregado como leiteiro, mas estava desempregado, pois necessitava de cuidar do cérebro e estava tomando injeções ultimamente, reclamava de seu estado de saúde e preocupava-se como sustento dos filhos. [sic]

²³ Idem

²⁴ Acervo Processos Criminais PC 34, ano 1940, Investigações Policiais, p. 9 anverso.

Nesse caso a irmã da vítima também prestou suas declarações, S. M. do C. informou a polícia que

Seu irmão falava em suicidar-se e que sua cunhada não declarou tal fato, pois está chocada com o acontecido, seu irmão foi até sua casa e lhe pediu que tomasse conta dos filhos, pois havia se envenenado. Atribui seu gesto a motivos de saúde precária e má situação econômica e financeira.[sic]

Outro caso com o mesmo motivador é o de P. J. dos S., de 40 anos de idade, profissão lavrador, cor branca, estado civil casado, com uma arma ele se suicidou. A polícia instaura a investigação e averiguou as falas da esposa e do filho da vítima, onde temos as seguintes falas:

Seu marido ficou doente, por esse motivo não pode trabalhar, sendo que a situação financeira ficou muito difícil e seu marido ficou apreensivo.[sic] (esposa da vítima)

Tendo adoecido, faltou muitos dias e por isso, o dinheiro que tinha acabou, que seu pai desde longo tempo vinha falando em suicídio, devido a pobreza em que se achava, ganhava pouco e tinha filhos para tratar.[sic] (filho da vítima)

Esses registros históricos auxiliam na fundamentação de nossa análise, pois esses sujeitos ao escolherem deixar de viver estão sendo influenciados pela realidade que vivenciam na cidade de Uberlândia, que é palco da história individual de cada um dos casos aqui levantados, oferecendo condições de vida bem específicas, problemas com abastecimento de água, a autoridade e truculência policial, o discurso político ufanista, a inflação, o desemprego, enfim, são inúmeras dificuldades enfrentadas, o interesse elitista é o de mascarar a realidade, porém não significa que essa realidade deixou de existir, assim como aponta Machado

é imprescindível levarmos em consideração que a intensificação do processo de urbanização da sociedade brasileira, a partir da década de 50, explícito no discurso da modernidade, não significa que o fenômeno da pobreza urbana e da exclusão social desapareceram. Muito pelo contrário, este fenômeno da participação crescente de parcelas desta sociedade não se constitui em privilégio das áreas metropolitanas, encontrando-se, isso sim, por todo o sistema urbano.²⁵

²⁵ MACHADO Maria Clara Tomaz. Op.Cit.

Esses problemas enfrentados nesse momento das décadas de 40 e 50 são vivenciados por várias famílias, o sonhado plano governamental de crescimento do país se alicerçou na exploração das camadas mais humildes, as desigualdades sociais surgem e prosperam cada vez mais e de tal forma que não se possam pensar maneiras de fugir a essa situação. O suicídio de pessoas como João José Maria não podem ser pensados como uma ação desvinculada dessa realidade social.

Os programas desenvolvimentistas foram calcados a partir da produção de obras dispendiosas, que exigiam empréstimos internacionais, após um prazo o reflexo é a inconstância econômica que leva posteriormente à inflação os setores mais humildes e com menor poder aquisitivo sofrem com os altos valores de produtos alimentícios. A autora Sônia Regina de Mendonça coloca as duas faces opostas, o plano de governo liberta o país do modelo agrário-exportador, mas gera suas contradições, pois coloca o país dependente do capital estrangeiro.²⁶

Outro registro de caso de suicídio se deu em 04 de janeiro de 1939, na Avenida Floriano Peixoto, nº. 704, na própria residência J. G. tirou sua vida ingerindo cianureto de potássio, a qualificação da vítima é completa: nome J. G., do sexo masculino, 40 anos de idade, natural de Uberlândia, profissão choufeur e proprietário, cor moreno, estado civil casado, o mesmo deixou uma carta para sua esposa, esta foi apresentada e copiada pelo escrivão do crime, porém não foi anexada à peça de investigação como em demais casos.

A esposa, o genro e uma filha do suicida deram declarações, ambos concordam em afirmar que o suicídio se deu por abatimento nervoso, esse caso contém ficha específica. Nela também consta que foi esse o motivo do suicídio. Na carta, notamos a preocupação no que diz respeito a problemas financeiros:

*Quita peço perdão, não posso viver mais, me sinto envergonhado com meus negócios, digo, com os meus credores, meus negócios estão muito atrapalhados (...) meus nervos não tolera mais, tenho medo de ficar louco.*²⁷

²⁶ MENDONÇA, Sônia Regina de. "Estado e Economia no período 1955-1964". In **Estado e Economia do Brasil: Opções de desenvolvimento**. 2ª edição., Rio de Janeiro:Graal, 1985, p.48

²⁷ Acervo Processos Criminais PC 59, ano 1939, Investigações Policiais, p. 06, verso.

As cartas existentes no acervo tratam-se de documentos riquíssimos, pois são elaboradas pelas vítimas, a leitura dessas fontes nos desperta emoção e geram percepções únicas. Nesse caso, a leitura e análise transparecem vontade de viver, algumas cartas deixam transparecer esse desejo de continuar vivendo, mas devido às dificuldades que estão colocadas a vítima faz outra opção.

Essa escolha da morte pelo suicídio, pode ser entendida por algumas pessoas como uma fuga aos problemas, denotando a imagem de homens e mulheres fracos, esse pré-julgamento é comum e quase imediato, mas cabe o cuidado em não valorizar ou depreciar essas ações, pois aqui o interesse é trazer a história de vida dessas pessoas. Faz-se necessário trabalhar a relação entre memória e história, na medida em que tomamos contato com essas narrativas é possível conhecer e refletir sobre o imaginário construído acerca do suicídio.

Na carta, J. G. pede a sua esposa que esta não faça despesa com o enterro. Fazendo pesquisas em jornais da época tomei contato com uma nota publicada pela esposa do suicida M. M. da F., nota esta que transcrevo na íntegra:

Aviso: A abaixo assinada, viúva de J. G., convida a todos os credores legaes a apresentar seu documentos dentro da dez dias, a contar da publicação deste, afim de serem verificados, e providenciar-se a respeito, podendo os interessados procurarem o sr. Rodolpho Rodrigues de Moraes, Av. Floriano Peixoto, 718 que se acha encarregado da verificação dos demais negócios do espólio. Uberlândia, 24 janeiro de 1939. (a) M. M. da F.²⁸

Nota-se que embora o motivo do suicídio tenha sido abatimento nervoso causado por problemas financeiros, ainda existia por parte da família do suicida uma preocupação em “limpar o nome” da vítima, que ao se suicidar alega estar envergonhado de sua situação econômica, pois o mesmo não consegue liquidar suas dívidas. A construção da hombridade masculina está muitas vezes alicerçada sobre a obrigação em honrar os compromissos, nesse caso um compromisso financeiro.

²⁸ Acervo Arquivo Público Municipal, Jornal Correio, 1º semestre 1939, 24/01/1939, nº 001.

J. G. exercia a profissão de chofeur, essa classe de trabalhadores enfrentava problemas relacionados à implantação da Companhia Mineira de Auto-Viação em Uberlândia, que ocorreu em 1912. Essa companhia regulamentava o uso sob algumas estradas rodoviárias, trabalhavam com a cobrança de impostos e pedágios e assim faziam do transporte uma fonte rentável.

Em notícia veiculada pelo Jornal Correio em de 22 de janeiro de 1939, fica colocada uma reivindicação por parte da classe dos chauffeurs, várias manifestações e greves ocorreram nesse período da década de 40, o alvo dessas manifestações era a Companhia Mineira de Auto-Viação.

O artigo traz a participação da ACM - Associação dos Chauffeurs, Mecânicos e Classes conexas da cidade, há na reportagem uma nota dos dirigentes da presente associação:

*Nós os que fizemos greves, nós, os que mais que ninguém, clamamos e reclamamos, nós, que protestamos diariamente, contra a angústia de exercer em condições de insegurança e opressão, uma profissão trabalhosa e desamparada...*²⁹[sic]

*A operosa classe dos choferes pleiteia: a extinção dos postos fiscais como embaraço que são a sua liberdade de trabalho e, conseqüentemente, aos interesses econômicos da cidade e região; a redução da taxa rodoviária grandemente aumentada (...) sendo que as estradas continuam como sempre, de transito penoso, sem nenhuma conservação, verdadeiro flagelo para os motoristas, sujeitos sempre a enormes despesas para manter o carro em boas condições de tráfego, tudo isso devido ao péssimo estado das rodovias.*³⁰ [sic]

A ACM solicita o auxílio do poder público para resolver suas dificuldades e para que possam trabalhar com mais segurança, este pode ser um caso a ser averiguado de como essas questões sociais influenciam na vida de cada indivíduo, trazendo transtornos financeiros e até mesmo pessoais, na medida em que um pai de família não consegue cumprir com seus deveres de mantenedor do lar, essa preocupação se faz presente em um trecho da carta já citada, na qual J. G. delega responsabilidades a cada membro familiar e pede ainda que todos continuem a agir corretamente:

Quita diga ao Rodolpho que olha o Joãozinho educa como se fosse seu filho, peço ao Geraldo que seja sempre um bom marido e pai e genro

²⁹ Acervo Arquivo Público Municipal, Jornal Correio, 1º semestre 1939, 22/01/1939.

³⁰ Acervo Arquivo Público Municipal, Jornal Correio, 1º semestre 1952, 23/04/1952, p.01.

*como tem sido até hoje, peço a Zezé que seja um bom filho e irmão, tenha sempre juízo.*³¹ [sic]

Através do trabalho de pesquisa e dos dados coletados, temos os seguintes números de suicídio são 51, tentativas de suicídio trazem o número de 8 tentativas, no intervalo entre as décadas de 40 e 50 esse número representa uma realidade preocupante.

Existia uma preocupação médica sob esses acontecimentos, na imprensa algumas medicações são sugeridas para afastar a idéia de suicídio, ou ainda para evitar algum mal que levasse a essa atitude, em um dos anúncios temos um pequeno desenho de um homem com um revolver voltado para a cabeça e com uma das mãos no coração, enquanto uma mulher o observa, no anúncio vem o seguinte dizer:

Anúncio: Maluco ou desiludido?

Somente aqueles que não conhecem as miraculosas Pílulas Maratú, são capazes de dar cabo a vida. Este afamado tônico nervino combate neurastenia sexual dos moços a perda de fosfato e o esgotamento cerebral (...) Elas darão otimismo afugentando definitivamente o receio de fracassar na vida. Cada pilula representa um sucesso.

É presente nos jornais dessa época propagandas de vários remédios, o público alvo desses anúncios são pessoas que trabalham e são produtivas do ponto de vista capitalista, na imprensa e no discurso que vigora em suas páginas é muito claro a preocupação em provocar nas pessoas o interesse para o trabalho e a produtividade, com a finalidade de que estas pessoas auxiliem no crescimento da cidade de Uberlândia. Na data de 20 de setembro de 1948, temos o anúncio:

Nervos debilitados provocam a neurastenia

Não deixe que o excesso de trabalho debilite seu organismo, porque o cansaço físico e intelectual o levará fatalmente à neurastenia.

Os primeiros sintomas da neurastenia são geralmente: a insônia, pesadelos, irritabilidade, dores de cabeça e nervosismo.

Vigonal é o remédio indicado para qualquer tipo de neurastenia.

A ideologia de enaltecimento da figura do trabalhador e a perseguição daqueles que não trabalham e são conseqüentemente considerados

³¹ Acervo Processos Criminais PC 59, ano 1939, Investigações Policiais, p. 06, verso.

vagabundos, provoca constrangimento e sensação de desamparo naquelas pessoas que por motivos diversos não podem mais trabalhar, nesse sentido podemos avaliar o caso de suicídio de J. A. dos S., esse caso tem como sujeito um senhor de 86 anos, lavrador, estado civil viúvo. O corpo desse senhor foi encontrado no dia 29 de maio de 1939, próximo à linha férrea a margem da Avenida Cezário Alvim, de acordo com as declarações de seu filho, J. J. da C.,

*(...)que o depoente seguindo para o local, de fato o encontrara morto, e ao seu lado estava uma pequena lata com cyanureto de formicida "tatu" e uma canequinha de folha, verificando logo tratar-se de um suicídio, o que não foi surpresa para o depoente, em vista das intenções de seu pai*³²

De acordo com demais testemunhas a vítima já vinha com idéias de suicídio, nesta investigação policial existe ficha específica, na qual consta como causa presumível do ato a velhice, sendo que há quatro anos já vinha pensando em suicídio.

A segunda testemunha L. G. P. declarou que:

*Que o dito senhor foi a casa do depoente por diversas vezes, e quase sempre conversava em suicídio, dizendo que o que concertava velhice era formicida "tatu"; que há uns oito meses, pouco mais ou menos J. A. dos S. tentou suicidar no Rio Uberabinha, no que foi impedido pelo filho dele José Jorge da Cunha(...)*³³

De acordo com as declarações que constam da investigação policial, todos afirmam que o suicida J. A. dos S. estava cansado da velhice, sendo que sempre tocava na idéia de suicídio, esse senhor já havia feito outras tentativas, mas foram frustradas. O uso de veneno é o mais comum, o mais utilizado era formicida (cianureto de potássio) principalmente o uso de formicida da marca Tatu, o suicídio por envenenamento ocorria entre pessoas de classe pobre e rica.

Porém o uso de arma de fogo também se dava em alguns casos, como o do fazendeiro Á. A. de R., assim qualificado sexo masculino, idade 25, cor branca e estado civil solteiro, no dia 22 de novembro de 1948 Á. se suicidou com um tiro de calibre 32, no relatório do delegado, a descrição da vítima:

³² Acervo Processos Criminais PC 68, ano 1939, Investigações Policiais, p. 07, verso.

³³ Acervo Processos Criminais PC 68, ano 1939, Investigações Policiais, p. 08, anverso.

Cadáver do tresloucado moço, rapaz empreendedor de uma disposição admirável para o trabalho, até que cinco anos atrás, foi surpreendido por terrível reumatismo prostando-o em casa até esta data.

nota

Nota-se que o relatório policial monta uma fala onde explicita a importância que a vítima dava a seu trabalho, o espírito empreendedor era exaltado e considerado ótima qualidade, o discurso policial vai de encontro com o ideário pregado também pelas elites e políticos da cidade.

Essa idéia se propagava devido o esforço em elaborar um clamor que fosse de todos. O progresso e a ordem da cidade se devem ao labor da população, onde se tem um povo que trabalha o desenvolvimento não tarda a aparecer, porém esse desenvolvimento infelizmente não chegava para todos.

Capítulo 2

Dessa vida nada se leva: tragédia passional e suicídio

Falar dos casos de suicídio é antes de tudo falar sobre a vida de pessoas que viveram em uma determinada época, conquistaram objetivos, enfrentaram problemas, frustrações, e que em dado momento de suas vidas optaram por não existirem mais. Estudar esses casos não é falar de um passado que não nos importa, ou não nos toca em algum instante. Na contemporaneidade alguns estudos afirmam que na vida adulta existem poucas pessoas felizes e realizadas o suficiente e que nunca pensaram em suicídio.

A maior parte da humanidade já pensou e pensa periodicamente na possibilidade de suicídio como um recurso, mesmo que final, para a solução e fuga de todos seus problemas.³⁴

Os casos aqui abordados, mesmo inseridos nas décadas de 40 e 50, são reveladores da situação atual, da falta de realização que as pessoas estão enfrentando, cabe aqui questionar se são as pessoas que estão sempre à procura de realização profissional, afetiva, financeira e em outros setores da suas vidas, ou se é a sociedade em que vivemos que prega a necessidade de atingir um nível econômico, social e político sempre mais elevado.

É nesse sentido que o suicídio é entendido não como casos isolados de homens e mulheres que por loucura acabaram com suas vidas, mas sim como acontecimentos que estão ligados à sociedade em que essas pessoas viveram. Os fatos aqui analisados compreendem o período de 1939 a 1950, esse recorte foi estabelecido devido ao índice de casos notificados.

É interesse nessa pesquisa analisar os suicídios ocorridos nesse período e relacioná-los com outros acontecimentos na sociedade uberlandense, a exemplo disso podemos citar os suicídios para os quais o motivo oferecido é problema financeiro, cabe então buscar informações sobre a situação econômica da cidade, como é a taxa de empregos, quais são as condições para inserção no mercado de trabalho, enfim qual é o cenário para

³⁴ Suicídio – conhecer para prevenir, Prof. Dr. Darcy Roberto de Lima, acesso em www.ronet.com.br, dia 18/08/2006.

esses casos de suicídio, de maneira a entendê-los como parte integrante de um determinado período histórico.

É nessa perspectiva que trataremos a vida desses indivíduos que optaram pelo não existir, os documentos com os quais iremos dialogar são as peças jurídicas-investigações policiais; as cartas que os suicidas deixaram, como fontes onde se explicita os motivos colocados para a morte; alguns jornais que circulavam no período, no intuito de observar como a imprensa transmitia essas informações.

Assim como já foi colocado, pode se considerar como fonte primordial para o desenvolvimento desse trabalho as investigações policiais, essas fontes levaram ao primeiro contato com os casos de suicídio, essas investigações são instauradas pela polícia a fim de averiguar se a morte trata-se realmente de suicídio, com vistas a descartar qualquer possibilidade de crime premeditado, homicídio a intenção da polícia é levantar possíveis dúvidas que existam no caso.

Os registros são efetivados por meio de uma portaria na qual o delegado toma providências para elucidação dos casos, no primeiro momento a preocupação é nomear peritos para procederem a exame na vítima, esses exames seguem uma metodologia rigorosa na qual existe avaliação de características físicas da vítima, meio empregado para o suicídio, se há outros sinais de violência, e ainda é observado por meio de questionamentos qual era a personalidade da vítima.

Os peritos nomeados preenchem aos questionamentos do auto de corpo de delito, quando se trata de tentativa de suicídio; ou no auto de corpo de delito cadavérico, quando houve a morte, em uma outra ficha específica para os casos em estudo, são preenchidos outros dados sobre a filiação, profissão, estado civil, qual o meio empregado e quais as causas presumíveis do ato, essas perguntas são respondidas por conhecidos da vítima, nota-se que esta ficha não é presente em todas as investigações policiais.

Os quesitos a serem respondidos obedecem a uma ficha específica para casos de investigação policial envolvendo ocorrências de suicídio. Os médicos chamados para realizar perícia deveriam responder as seguintes questões:

- 1- Se há ofensa física produzindo dor ou alguma lesão no corpo, embora sem derramamento de sangue.

- 2- Qual instrumento ou meio que a ocasionou.
- 3- Se foi ocasionado por veneno, substancia anestésica, incêndio, asfixia ou inundação.
- 4- Se por sua natureza ou sede, pode ser causa eficiente da morte.
- 5- Se, a constituição ou estado mórbido anterior do ofendido concorreu para tornar essa lesão mortal.
- 6- Se das condições personalíssimas do ofendido pode resultar sua morte.
- 7- Se resultou ou pode resultar mutilação ou amputação, deformidade ou privação permanente do uso de algum órgão ou membro.
- 8- Se resultou ou pode resultar enfermidade incurável, e que prive para sempre o ofendido de poder exercer o seu trabalho.
- 9- Se produziu incomodo de saúde que inabilite o paciente do serviço ativo por mais de 30 dias.

Esse questionário pretende eliminar a hipótese de outro tipo de crime, em outro momento da investigação, é chamado a depor familiares, conhecidos ou até mesmo passantes que ao saberem do fato, buscam se interar de mais detalhes, no depoimento é levantado qual o parentesco ou vínculo que existia com o suicida, qual era o comportamento deste e principalmente o que motivou tal fato, há sempre nesses registros uma busca em explicar ou justificar o ato dessas pessoas que se matam.

É importante analisar a fala destas pessoas, ao deixarem registradas suas visões nos oferecem margem para pesquisarmos o que está ocorrendo socialmente e que interfere na vida pessoal dos indivíduos, dessa maneira, a leitura atenta das investigações policiais sobre os suicídios se tornam pertinentes, assim como a pesquisa em outras fontes, que nos levem a compreender melhor o enredo no qual a sociedade uberlandense se encontra.

Sobre os casos trabalhados, poderemos perceber nas falas jurídicas e de testemunhas, como a sociedade legitima ou aprova alguns casos, como se as justificativas para os mesmos fossem aceitas, em outros casos notamos uma reprovação, como se a alegação para tirar a vida não fosse consentida como pretexto para tal ato, esses motivos são menos aprovados, ou menos louváveis. A própria sociedade cria mecanismos de aceitação ou reprovação, de acordo com aquilo que julga certo ou errado, em certas ocasiões por meio desse discurso somos levados a pensar, não importa quem morreu, mas sim porque tomou essa atitude.

Inicialmente a pesquisa abordou os anos de 1939 e 1940, posteriormente foram abarcadas as décadas de 40 e 50, devido ao número de casos registrados que formam os seguintes dados: casos de suicídio são 51, sendo 29 casos do sexo masculino e 22 do sexo feminino, tentativas de suicídio trazem os números de 8 tentativas, assim distribuídas 2 pessoas do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Como demonstrado no gráfico 1.

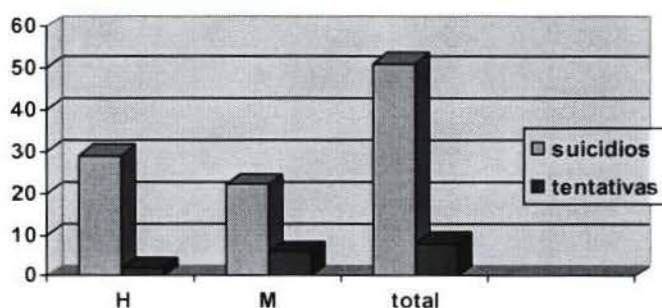


Gráfico 1 – demonstra os dados já apresentados no parágrafo anterior.

Esse trabalho não objetiva analisar caso a caso, mas sim buscar compreender nesse universo qual é a maneira de viver dessas pessoas, buscar reconstituir quais são suas atividades, suas vivências e sua relação com a cidade, como elas se vêem inseridas ou excluídas no espaço urbano, ou seja, refletir sobre a vida de cada um desses indivíduos dentro de um espaço maior que é a cidade de Uberlândia.

Compreender de que lugar essas pessoas falam, qual é sua esfera de atuação dentro da sociedade, entendida aqui como espaço de disputa entre diferentes discursos e práticas, de que maneira esse atuar dentro de um grupo maior se faz como uma necessidade, e como determinados grupos que não conseguem seu espaço reagem à sociedade.

Nesse segundo capítulo falaremos de maneira mais detida sobre os casos que envolvam razões passionais, mulheres e homens que se matam por amor e problemas relacionados à afetividade, também sobre casos de homicídio seguidos por suicídio, onde se vê a ameaça e a relação de posse que homens e mulheres estabelecem. Outro viés também será abordado, onde se entende que o motivador é a defesa da honra feminina, nesses casos uma mulher se suicida provavelmente após ter sido violentada e também um pai que se suicida depois de saber que a filha foi desonrada por um homem casado.

*Não tenhas ciúme da mulher que repousa no teu seio,
Para que ela não empregue contra ti
A malícia que lhe houveres ensinado.*

*Não entregues tua alma ao domínio de tua mulher
Para que ela não usurpe tua autoridade e fiques humilhado.*

*Não lances os olhos para uma mulher leviana,
Para que não caia em suas ciladas.*

*Não freqüentes assiduamente uma dançarina, e não lhe dê atenção,
Para que não pereças por causa de seus encantos.*

*Não detenhas o olhar sobre uma jovem,
Para que a sua beleza não venha a causar tua ruína.*

*Nunca te entregues às prostitutas,
Para que não te percas com os teus haveres*

*Muitos pereceram por causa da beleza feminina
E por causa dela inflama-se o fogo do desejo*³⁵

Os índices de suicídio levam a sociedade a se preocupar e refletir em possibilidades motivadoras para os casos, em reportagem veiculada no dia 01 de novembro de 1941 um artigo intitulado Falta de Temor a Deus, no qual o autor destina sua fala aos jovens, e coloca a vida desregrada e envolvimento com uso de álcool como dados relevantes que colaboram para o desejo de morrer, o artigo traz os seguintes dizeres:

*A falta de temor a Deus é a primordial causa do elevado número de suicídios ultimamente verificados não só em Belo Horizonte como em outras localidades do Estado.*³⁶

Podemos notar em alguns relatórios policiais que o uso de bebidas alcoólicas é selecionado como um motivo que leva ao descontrole e possivelmente ao suicídio, mulheres que trabalhavam como prostitutas, ao se suicidarem ou em tentativas tinham como causadores de suas ações o uso desregrado de bebidas, homens jovens que se suicidam, tem suas vidas investigadas a fim de estabelecer alguma relação entre esses jovens e meretrizes.

³⁵ Bíblia Sagrada. Livro de Eclesiástico, capítulo 9, versículos 01 ao 09.

³⁶ Jornal Correio, ano IV, número 800, sábado 01 de novembro de 1941, p. 03, coluna Dia a dia. Autor: Mário Olimpo.

Esse envolvimento com prostitutas de alguma maneira iria justificar alguns dos casos estudados, havia na cidade uma forte campanha contra mulheres que se dedicavam ao meretrício, essa atividade cada vez mais ia sendo empurrada para a periferia da cidade afim de não prejudicar os ares modernizadores de Uberlândia.

Durante as duas décadas estudadas o número de mulheres que se suicidam perfaz o total de 22 vítimas e as tentativas são calculadas no total de 6, um dado que chama a atenção entre essas mulheres que se suicidam é que boa parte delas trabalham na prostituição, em alguns casos fica colocado claramente que a profissão da vítima era prostituta, porém em outras fontes não fica esclarecido qual emprego a vítima exercia, mas sua moradia é uma pensão de mulheres o que de alguma maneira para a sociedade da época sugeria a atividade desenvolvida.

Sobre o emprego das vítimas mulheres ver abaixo:

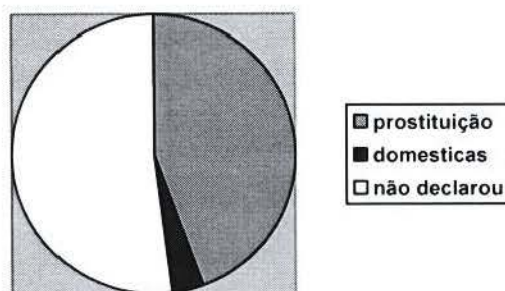


Gráfico 2 - profissão.

Em 1958 um caso foi notificado à polícia que registrou a tentativa de suicídio de T. M. de J., nos autos assim está qualificada: 17 anos de idade, natural de Franca no estado de São Paulo, profissão doméstica, cor branca, grau de instrução analfabeta e estado civil solteira, na portaria da investigação está assim colocado

*na zona de meretrício desta cidade, a rameira T. M. de J. tentou por fim à existência, no interior da casa onde residia, perfurando o próprio abdômen com uma faca de cozinha*³⁷

A vítima também declara:

³⁷ Acervo Processos Criminais PC 117, ano 1958.

Que morava na casa de T. F. e que estava bebendo muito, que na noite do dia 07 depois da meia-noite a dona da casa expulsou a declarante colocando suas malas do lado de fora, estando a declarante embriagada e não suportando a chateação, lançou mão de uma faca de cozinha e com ela perfurou o abdômen, que a declarante não tinha desejo de se suicidar, e nisso jamais pensou e atribui o acontecido às tribulações que sofre, que bebe muito para dar lucro à pensão, que pratica o meretrício a quatro anos.³⁸

Já no ano de 1955, outro caso foi informado às autoridades policiais, a vítima está assim especificada M. R. do S., sexo feminino, natural de Recife, profissão doméstica, cor parda e estado civil casada, a portaria do dia 06 de outubro conta como o caso ocorreu.

Tendo chegado ao conhecimento desta regional que, a meretriz M. R. do S. hoje às 18 horas num gesto tresloucado derramou gasolina nas vestes e ateou fogo nas mesmas e em estado gravíssimo foi conduzida para a Policlínica Local.³⁹

Uma testemunha oferece sua versão sobre os fatos:

Declara ser proprietária da Pensão Jorgeta e tem como inquilina várias mulheres, que era sua inquilina a cerca de cinco meses a suicida M. R., que a mesma trancou-se em seu quarto e passado alguns minutos houve um grande estrondo como se tivesse explodido uma bomba e depois desta arrombada viram que a mesma estava deitada na cama no meio de enormes labaredas de fogo, que Maria Rosa no momento que estava incendiando gritava pelo nome e seu amante de nome Filadelfo e de seu filhinho.⁴⁰

Em outro caso de suicídio o relatório policial assim conclui a investigação:

Como é natural no decorrer da vida desregrada das mulheres de vida licenciada, passando noites e noites sem dormir em consequência alimentando mal, ingerindo constantemente bebidas alcoólicas, não resta a menor dúvida, haver sido a reunião desses fatores que entorpecem e desequilibram completamente o sistema nervoso e que tenha dado causa a vítima praticar esse gesto de loucura, pois segundo as provas colhidas ela encontrava-se ainda sobe a ação maléfica do álcool.⁴¹

³⁸ Idem.

³⁹ Acervo Processos Criminais PC 16, ano 1955.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Acervo Processos Criminais PC 42, ano 1946, p. 8, anverso.

A história de vida dessas mulheres, exemplifica outros casos de suicídio ou tentativas nas quais as vítimas são mulheres que trabalham na prostituição. Na década de 1940, a nível nacional algumas estratégias implementadas pelo Governo Vargas estavam direcionadas na importância da família, a reputação e boa formação da família representariam a base do sentimento de afirmação da nacionalidade, a ideia é efetivar a moralização da família como garantia do caminho a uma cidade que preza a ordem e o progresso.

A prostituição na cidade de Uberlândia é vista como um mal necessário, se de um lado é pregado a existência e permanência da virgindade até o casamento, por outro é imprescindível a atividade do meretrício que garante através das mulheres de "má fama" a permanência da "boa moça" nos núcleos familiares. A sociedade trata essas mulheres retirando delas sua condição humana, as reportagens nos jornais expressam o desprezo às quais as mesmas estão submetidas, tentar estabelecer uma relação dessas mortes com o que essas mulheres viviam é uma necessidade.

Portanto, classes sociais defensoras da moral e dos bons costumes exigem ações frente ao atentado ao pudor levado à frente pelo exercício do meretrício em importantes setores da cidade de Uberlândia, cada vez mais a zona de meretrício é literalmente empurrada para a periferia da cidade, essas manifestações podem ser vistas em matéria veiculada no jornal Correio.

*O vaivém das mariposas da vida airada, volta, novamente a preocupar as famílias uberlandenses. E isso, francamente, é uma nota triste para uma cidade que se moderniza dia a dia, tornando-se, ao mesmo tempo, uma afronta à sociedade.*⁴²

*Com a intimação entregue e a apresentação do prazo de 30 dias para o deslocamento das referidas donas de Casas de Tolerância, a Regional irá manter um policiamento do local, visando o mais completo saneamento moral das chamadas Ruas "sem sol". É pensamento da Regional, segundo fomos informados solucionar o problema da zona boêmia entre nós, com o completo deslocamento da mesma para um local distante da parte urbana citadina*⁴³.

Dentro dessa fala moralizante as mulheres eram disciplinadas e orientadas a conseguirem um bom casamento, e assim que o conseguissem as

⁴² Jornal Correio. 08 de setembro de 1941. O vaivém das mariposas.

⁴³ O Meretrício. A Tribuna, 07/10/1927, ano XI, nº 465.

mesmas deveriam viver para o lar e para o marido, enquanto solteiras viviam sob o julgo de seus pais e após caberia aos maridos a autoridade sobre as mulheres, todo comportamento desviante dessa moral era desencorajado, aquelas mulheres que mudassem parâmetros eram consideradas de vida fácil, e a essas jamais caberia a felicidade conjugal.

Podemos entender como motivador para esse caso a defesa da honra, pois, ilustra a preocupação existente quando há algum tipo de violência contra a integridade física da mulher, na fala de algumas testemunhas fica colocado que a vítima se suicidou porque havia sido violentada dias antes. Em 19 de agosto de 1939, na Fazenda do Bority, região de Uberlândia outro caso de suicídio foi registrado de A. F. da G..

Seguindo os parâmetros normais de investigação policial, houve o auto de corpo de delito cadavérico, no qual consta ser a vítima do sexo feminino, de cor morena, com aproximadamente 20 anos, pessoas foram chamadas a depor, a 1ª testemunha E. T. H., disse ter ficado sabendo do suicídio através do pai da vítima, declarou:

que há dias ouviu comentários que A. andava procurando meios de adquirir drogas, com desculpas de matar ratos ou formigas, e que alguns vizinhos diziam que ela estava querendo envenenar-se, mas o depoente não ficou sabendo o motivo.⁴⁴

J. A., 2º testemunha foi informado pela 1ª testemunha, declarou que:

há uns seis dias, mais ou menos, A. ao regressar da cidade, foi à casa do depoente, ali contou que havia sido agredida no caminho, quando vinha, digo, quando ia da cidade para a sua residência, por um indivíduo de cor morena escura o qual havia lhe agarrado e jogado no chão, e que por isso ela A. queria suicidar-se, pois achava-se muito contrariada com tal fato.⁴⁵

Mais duas pessoas foram chamadas a depor, a notícia do suicídio foi sendo passada de uma pessoa para outra, as pessoas buscaram se inteirar do que aconteceu, a sociedade demonstra curiosidade perante o fato do suicídio, já que se configura como algo diferente do cotidiano considerado “normal”. Nas falas dos depoentes é possível analisarmos a tentativa de explicação perante o

⁴⁴ Acervo Processos Criminais PC 66, ano 1939, Investigações Policiais, p. 07, verso.

⁴⁵ Acervo Processos Criminais PC 66, ano 1939, Investigações Policiais, p. 08, anverso.

fato, na afirmação de que não houve envolvido na atitude do suicida, e na busca de motivos para a atitude que a pessoa tomou.

A ocorrência do suicídio do senhor J. F. da S., foi posterior a sedução sofrida por sua filha, no jornal Correio a reportagem vem com a seguinte chamada Um suicídio na Vila Operária, onde relata como ocorreu a morte desse senhor. Nesse caso foi instaurada uma investigação de Sedução e Suicídio, a filha M. das D. S. assim narra o suicídio de seu pai: assim sendo o pai da vítima ficou sabendo do ocorrido e como já se encontrava doente e velho o Sr. J. F. se suicidou.⁴⁶

Outros casos colocam como o suicídio de alguns homens estão relacionados a problemas amorosos, casos extra-conjugais levam o homem a cometer atos de loucura, assim fica colocado no suicídio de O. C., no relatório policial assim está documentado:

O. C., casado, brasileiro, ourives, com 41 anos de idade, residente nesta cidade, bom chefe de família, de uns anos a esta data, tornou-se amante de E. A., vulgo Neném. Tinha loucura por essa mulher, e esta de quando em vez falava em abandonar o amante, O. dizia: "que morreria se isso acontecesse". Duas casas tinha ele para prover a subsistência, pois, tinha esposa e cinco filhos menores. Os negócios foram arruinando, e O. já alcançado em dividas. Sua esposa insiste para ir ao banho e ir jantar, e O. pela primeira vez a espanca dando-lhe tapas no rosto. Causa estranha! A família em polvorosa grita e exaspera-se. Nessa agitação completa O. tira do bolso um vidrinho contendo uma droga, deita o seu conteúdo em um copo d'água, e diz: "Vou morrer isso é cianureto" e toma aquela água envenenada.

Nesse caso, o relatório policial parecer ser condescendente para com a vítima, coloca que com suas dificuldades financeiras e paixão por uma mulher, que não era sua esposa a única saída vista por esse homem era o suicídio. O adultério quando praticado pelo homem é compreendido, essa relação deixa entrever as diferentes posturas esperadas de acordo com o sexo, essas relações são desiguais e por isso geram conclusões diferenciadas, admitir ou coibir atos violentos dependem de cada modelo que a sociedade organiza, as definições de violência são subjetivas e cada sociedade constrói critérios próprios, registra, normatiza e avalia a sua violência.⁴⁷

⁴⁶ Acervo Processos Criminais PC 78, ano 1949.

⁴⁷ Cf. PUGA, Vera Lúcia. **Paixão, Sedução e Violência. 1960/80.** Tese de Doutorado defendida na FFLCH-SP, 1998.

A prostituição não é bem vista, essas mulheres com sua atividade poluem o ar da cidade, porém aos homens que se envolviam com outras mulheres fora do casamento não se nota nenhuma censura, essa outra visão está expressa no caso de suicídio de J. V., do sexo masculino, profissão charreteiro e estado civil casado, no dia 17 de abril de 1950, com a ingestão de Formicida Tatu ele comete suicídio, o mesmo deixa um bilhete para a irmã, onde podemos ler:

Uberlândia, 17 de abril de 1950. Querida irmã M. eu quero que você arruma meus negócios porque enjoei do mundo, você fala com o seu J. para ele arrumar que ele arruma tudo e você não precisa incomodar com nada porque isto não é nada só quero que vocês me perdoa pelo que eu fiz eu devia umas contas demais eu entrego a charrete e o N. te dá o dinheiro você paga as contas e se sobrar você dá pra C.. Ass: Jerson Vasconcelos.⁴⁸

As testemunhas são unânimes em dizer sobre o mau procedimento da esposa do suicida, e colocam sua péssima conduta como motivador para o suicídio do marido. Acompanhe:

Declarou conhecer a vítima há uns dois anos, o mesmo é muito honesto e trabalhador e que se casou com M. da C. a mais ou menos um mês, que é público e notório que essa mulher não gostava de seu esposo e vinha prevaricando abertamente.

O depoente só pode supor o que anteriormente declarou, isto é, desgostos em virtude do mau procedimento e maus tratos por parte de sua esposa.

Sempre ouviu os problemas do irmão, inclusive relacionados a má conduta de sua cunhada: tinham conhecimento de que M. bem como suas outras irmãs, não gozam de boa reputação. Pois, M., sua esposa, demonstrava, por ele, o máximo desinteresse, faltas de cuidado com o lar, chegando a declarar para diversos vizinhos que não gostava dele além de difamá-lo.⁴⁹

A versão da mulher é a seguinte:

Que seu esposo há poucos dias, disse a declarante que estava um tanto aborrecido e descursuado com a vida, pois devia bastante e não sabia como ajustar seu crédito. Que corre um boato de que a declarante não vinha procedendo como devia, mas é uma calúnia, pois estimava

⁴⁸ Acervo Processos Criminais, PC 99, ano 1950.

⁴⁹ Idem.

*seu marido e isso não fosse não teria casado. Que atribui às dividas e maus negócios o móvel do suicídio de seu esposo.*⁵⁰

As falas das testemunhas colocam a esposa do suicida como causadora da morte, no bilhete deixado pelo mesmo ele afirma que o motivador era suas finanças que não iam bem, porém nenhuma testemunha chega a tocar nessa hipótese, colocam somente a mulher que por sua conduta está praticamente sendo acusada como a causadora da morte do marido, essas falas representam a que papel se destinava a mulher casada, caso ela não procedesse bem poderia ser a ruína de seu marido.

Em outro suicídio a leitura é diferenciada, porém surge nas falas a disposição em acusar a esposa do suicida J. M., o irmão do mesmo declarou que a vítima era meio fraca da cabeça, por esse motivo sua esposa tomou as rédeas da casa, ficando seu irmão ali dentro como um fantoche, que este se desgostou.⁵¹

No relatório da promotoria, assim está colocado a conclusão do caso:

*É passível de pena - dispositivo do Código Penal, artigo 122, quem induz ou instiga alguém à suicidar-se ou presta auxílio para que o faça. O caso em tela acha-se bastante esclarecido já que nenhuma testemunha faz menção a qualquer procedimento ou ato de sua esposa que pudesse concorrer para tal desfecho, por isso que é de crer-se nenhuma culpa lhe pesar.*⁵²

Podemos perceber que aos homens era exigido a manutenção do lar, legalmente o homem deveria ser a figura principal de sua casa, ser a cabeça do casal⁵³, mesmo que no plano ideológico esteja assim colocado, na realidade tornava-se cada vez mais necessário o trabalho da mulher fora de casa, com remuneração, isso se configurava de extrema importância para os casais, principalmente nas famílias mais pobres, onde como já foi falado, as dificuldades mais urgentes como alimentação eram sentidas.

Porém essas mudanças práticas não eram acompanhadas pela legislação vigente, e no imaginário das pessoas a obrigação em prover o lar ainda era destinada exclusivamente ao homem, quando as mulheres em suas

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Acervo Processos Criminais, PC 14, ano 1955.

⁵² Idem.

⁵³ O status de chefe da família ou cabeça do casal, o homem só perde com a constituição de 1988.

casas tinham que trabalhar fora, seu trabalho não era bem visto. Cabe refletir também nesses casos como esses homens se sentiam ao ver suas esposas trabalhando e tomando as rédeas da casa, se esses se sentiam submetidos perante a sociedade à vergonha de ser sustentados por suas mulheres.

As mulheres deveriam ser submissas aos seus maridos, esse era o dever clássico imposto às esposas, existiam algumas denúncias de maus tratos levadas a frente por mulheres que sofriam na convivência com seus maridos, esses números podem ainda esconder tantos outros que não vinham à tona, pois alguns episódios de violência não chegavam aos ouvidos da justiça e em tantos outros a mulher que era a vítima acabava saindo como a acusada por instigar em seu companheiro a raiva que culminava na agressão.

A violência contra o outro é um caminho de auto-afirmação, o outro sendo homem ou mulher tenta através da violência impor a si mesmo e a sua vontade, são relações entre desiguais que se apresenta, porém muitas vezes essa convivência de desigualdades é aceita como algo normal, o mais forte é aquele que consegue infligir sobre o outro seja pelo uso da força física ou não aquilo que deseja.

Analisar, portanto, ciúme, posse e poder sobre o outro, paixão, violenta emoção, sentimentos que traduzem o cotidiano dos seres humanos se constitui em um esforço profundo para os pesquisadores da temática. É necessário que se perceba as diferenciações entre amor e paixão, bem e mal, e como os advogados de defesa e promotores constroem do conceito dado suas justificativas para o assassinato, para o espancamento, enfim, para as agressões diárias que ocorrem no meio social, assim como compreender como homens e mulheres passam de réus a vítimas segundo o modelo utilizado pelos defensores e promotores.⁵⁴

Se não for meu não será de mais ninguém, ferir ou matar o outro e depois dar fim a sua própria vida é a expressão máxima dessa idéia, a posse presente nessas relações leva consequentemente a histórias com finais nada felizes, lesões corporais, homicídios seguidos por suicídio e indução ao suicídio são o enredo dessas narrativas.

O envolvimento de pessoas como M. A. F. e E. M. formam um desses desfechos, ele juntamente com um cunhado foram indiciados por induzir a vítima ao suicídio, várias testemunhas colaboram para o caso afirmando que:

⁵⁴ PUGA, Vera Lucia. **Memória e Sociedade**: violência em processos criminais – Uberlândia 1890/1950.

*Tutinho lhe espanca frequentemente, que mais tarde Maria foi a sua casa e disse que ia se separar definitivamente de Tutinho para evitar os maus tratos recebidos, que ontem mesmo, á noitinha Tutinho acompanhado de um soldado da cavalaria e ali fizeram sérias ameaças a pessoa de Maria, dizendo que iam processá-la a pena de cadeia que ela deveria tirar era de dois anos de cadeia e outras graves ameaças.*⁵⁵

A vítima tenta suicídio após sofrer várias ameaças, ela esclarece que há oito meses vivia maritalmente com o primeiro indiciado, viviam felizes, mas começou a ser mal tratada, foi ameaçada e diante disso resolvera por termo a existência.⁵⁶

Os indiciados minimizam o depoimento da vítima, se desobrigando de culpa pelo seu comportamento, na primeira fala um deles chega a afirmar que não houve ameaças contra a vítima, o gesto de ingerir o tóxico foi por leviandade da vítima. No segundo depoimento o amasiado da vítima afirma que agrediu a vítima apenas uma vez.⁵⁷

Percebemos que os dois agressores não negam as lesões corporais que causaram na vítima, mas o ato da mesma ingerir soda cáustica e tentar por fim a vida não foi, segundo os mesmos, incentivado por eles, a prática de violência fica como algo menos importante que não atua como causador de uma situação de pressão sobre a vítima, levando à tentativa de suicídio.

No dia dez de janeiro de 1949, outra história de amor termina em morte, o jornal assim noticia na coluna policial: Tragédia Passional na rua das Tabocas, as informações contam a vida de I.G. de A. e de J. B., ele apaixonado e não tendo sido correspondido decide matar e morrer em nome desse amor platônico, a investigação policial é instaurada para apurar a relação existente entre os envolvidos.

De acordo com a declaração de E. A., sete anos de idade, filho da vítima:

Que de fato J. B. tomava pensão na casa de sua mãe e queria casar com ela, que sua mãe apesar de tratá-lo bem, não queria casar consigo (...) quando o declarante ouviu um tiro dentro de casa, que em seguida viu sua mãe sair para o terreiro e cair perto da porta, e nesse ínterim ouviu uma segunda detonação dentro da casa, que imediatamente

⁵⁵ Acervo Processos Criminais, PC 172, ano 1954.

⁵⁶ Idem

⁵⁷ Ibidem

*chegaram várias pessoas, porém, sua mãe já era cadáver, assim como J. B..*⁵⁸

Nesse caso em que houve a morte das duas pessoas, a investigação foi arquivada um mês após o fato. Em outro caso de tentativa de morte e suicídio, no qual o amasio R. H. dispara dois tiros contra a vítima D. de O. P. foi instaurado após as investigações o processo criminal.

Na abertura do processo criminal assim está descrito o crime:

De fato, conforme elucida o incluso Inquérito Policial, o denunciado R. H. , no dia 27 de agosto de 1938, em uma pensão de mulheres, com um revólver, fez dois disparos em D. de O. P. produzindo-lhes os ferimentos descritos no auto de corpo de delito que foram refutados graves.

(...)

Originou o evento delituoso acima descrito o facto de serem amantes R. e D., e o ciúme exagerado que o primeiro tem de D. – a vítima nesse processo. O acusado desconfiou da procedência de tal presente, e, de indagação em indagação, veio a ter certeza que o remetente do bolo foi o antigo amante de D..

*Assim enraivecido e cheio de ciúmes, fez uma cena desagradável em casa de G. V., querendo a “viva força” que D. confessasse a procedência do presente em apreço, quando em dado momento exibiu o seu revólver dizendo: “hoje eu sou homem, ou deixo de o ser” e ato contínuo, fez dois disparos “a queima roupa” contra D. P.*⁵⁹

O local onde se deu o ocorrido, foi numa pensão de mulheres, no termo da denúncia o indiciado R. H. disparou dois tiros contra a vítima D. de O. P., e após tentou suicídio ao ver sua amante ferida.⁶⁰ Aos dias 16 de janeiro de 1939, é expedido o mandato de prisão contra o réu, sendo que somente no dia 12 de setembro do mesmo ano é que ele comparece para se apresentar na prisão e é recolhido, pois até então o réu não havia sido encontrado.

A defesa baseou-se em documentos comprobatórios da boa conduta e bons antecedentes do indiciado, e também na sua alegação de que estava com ciúmes de sua amante, pois esta havia recebido de presente um bolo, enviado por um ex-admirador. Essa interpretação de que os disparos aconteceram somente pelo calor da hora, pois que o indiciado estava instigado pelo ciúme, somada com o exame da vítima, comprovando que a mesma estava bem e fora

⁵⁸ Acervo Processos Criminais, PC 65, ano 1949.

⁵⁹ Acervo Processos Criminais, PC 63, ano 1939.

⁶⁰ Idem.

de perigo, isenta o indiciado de culpa e o mesmo é absolvido de acordo com a ata de sessão do julgamento, datada de 25 de setembro de 1939.

O fato de recolher documentos que atestem os bons antecedentes é bastante significativo, além de relacionarem o "calor da hora" como fator explicativo para os disparos contra a vítima, o indiciado ao ser relacionado à figura de homem trabalhador e cumpridor de seu papel na sociedade é logo dispensado de culpa no processo, se R. H. ao ver sua amante ferida também tem a intenção de se matar, sua culpa é eximida. Infelizmente em outros casos de crimes em que os envolvidos são homens e mulheres casados a impunidade também acontece.

Nesses processos criminais fica clara a relação de hierarquia e poder, que explicaria a violência exercida contra as mulheres ,

Considerações finais

A proposta inicial dessa pesquisa foi trazer os casos de suicídio pensando na importância dessas fontes para o estudo da sociedade e suas transformações.

Observamos que essas mortes não ocorrem apenas por motivos pessoais, mas também pelos problemas sociais enfrentados pelos suicidas. Fome, desemprego, preços elevados, machismo, normas sociais impostas às mulheres, ^{flavellu} traições, excesso de autoridade policial, promessas políticas vazias, conflitos amorosos, ciúmes, paixões proibidas, são questões que entre outras permeiam a vida dos indivíduos, acarretando por vezes em problemas de difícil resolução e posteriormente na avaliação de que a morte é a única saída.

Para essas pessoas o suicídio não é simplesmente uma fuga da vida, mas é também uma atitude de negação para aquilo que está posto, o ser humano recebe um conjunto pré-determinado de leis, normas de conduta, planos econômicos e políticos, regras sociais, culturais e religiosas que nem sempre são passíveis de contestação.

Nas décadas de 40 e 50, período aqui trabalhado, essa questão é ainda mais presente, os papéis definidos socialmente para homens e mulheres são claros. Ainda mais se pensarmos sob a ótica de uma cidade como Uberlândia que originada dentro de um discurso elitista, insiste em não enxergar os problemas existentes na sociedade.

Em nossa proposta, procuramos entender quais foram os motivadores para os suicídios, e além das causas pessoais quais fatores externos produzem no indivíduo o desejo de por fim à própria existência, por esse motivo procuramos compor o enredo dessas histórias de vida, que tem na cidade de Uberlândia sua inserção.

Apesar do fato de residirem na cidade, isso não garante a todas as pessoas seu papel como participantes do fazer social, a ideia de progresso intrínseca ao discurso dominante, não se faz presente a todos, na maioria dos casos levantados as vítimas são de origem humilde o que fica comprovado na leitura das falas e das cartas presentes nas investigações policiais.

Outro ponto proposto na pesquisa é o entendimento das falas judiciais, a polícia enquanto representante da ordem tem um discurso voltado contra a prática do suicídio, os dizeres dos delegados são normalmente para

desqualificar a ação do suicida, na medida em que essa pessoa é colocada como louca e com problemas mentais.

Não podemos isentar o fato de perturbações mentais levarem ao suicídio, porém reduzir todo suicídio à loucura é uma interpretação errônea, o mesmo pode ser visto, assim como já vimos, como resistência aos problemas sociais. O estudo aqui empreendido não pretende somente quantificar e qualificar os casos de suicídio em Uberlândia nas décadas de 40 e 50, mas sim tratar esses casos de maneira a oferecer espaço para as falas de pessoas mais simples.

Dentre os objetivos propostos, conseguimos trabalhar com alguns casos e ver qual intersecção o mesmo fazia com a cidade de Uberlândia, refletindo o suicídio enquanto fator social e não somente inserido no campo individual. Lembrando Durkheim:

Considerando o conjunto de suicídios cometidos em uma determinada sociedade durante uma dada unidade de tempo, constataremos que o total assim obtido não será uma simples soma de unidades independentes, uma coleção de elementos, mas constituirá por si um fato novo e sui generis, que possui a sua unidade e a sua individualidade, por conseguinte a sua natureza própria, e que, além disso, tal natureza é eminentemente social.

nota

A partir das falas presentes nas investigações policiais obtivemos múltiplas interpretações sobre a cidade de Uberlândia, vista no âmbito de diferentes pessoas e classes sociais, essas visões divergentes levaram-nos a uma das proposições iniciais, que é buscar na sociedade um conjunto de fatores que levariam ao suicídio.

Porém, houve algumas fontes documentais que não traziam esse diálogo entre a vida do suicida e sua realidade social, as investigações policiais faziam referência aos motivadores pessoais e individuais que levaram ao auto-extermínio, outra dificuldade que se era a leitura de alguns documentos que estavam manuscritos, gerando problemas no entendimento da grafia.

*motivos
pessoais*

Na pesquisa sobre o tema é possível trabalhar futuramente o suicídio na atualidade, pensando sobre o exercício de entidades que desenvolvam trabalhos na área de prevenção e refletindo sobre as ações desses grupos.

Outra possibilidade é pensar como o poder público trabalha essa questão, como investe na formação dos profissionais da saúde, se atualmente os motivadores são semelhantes, se a leitura que se tem é de que o suicida é louco, ou se estabelecem relação com problemas sociais, econômicos e culturais vividos pelas pessoas.

Referências Bibliográficas:

ALVAREZ, A. **O Deus Selvagem. Um estudo do Suicídio.** Companhia das Letras, setembro de 1939.

BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da História.** Novas Perspectivas. São Paulo: ed. Unesp, 1992, p.25.

CASTRO-ZWAHR, Jennifer. **O suicídio entre adolescentes americanos.** Revista Espaço Acadêmico, nº 44 janeiro de 2005, mensal, Universidade Estadual do Maringá.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Martin Claret, 2003, São Paulo.

GUINZBURG, Carlo. **"El juez y ek gustiruarir".** Tradução Alberto Claveria, Madrid, Anya, 1993.

GUINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes,** 1970

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: **A escrita da História.** Novas Perspectivas. (org. Peter Burke). São Paulo: ed. Unesp, 1992p.25.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980).** Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 1990, p.2-3.

_____. **Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950 – 1985).** São Paulo, USP, 1998.

MARX, Karl. Sobre o Suicídio. Boitempo Editorial. Março de 2006.

MINOIS, Georges. **História do Suicídio. A sociedade ocidental perante a morte voluntária.** Coleção Teorema, série especial, agosto de 1998, Lisboa.

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.** Editora Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 1, 1996, p. 59-72

PUGA, Vera Lúcia. **Paixão, Sedução e Violência. 1960/80.** Tese de Doutorado defendida na FFLCH-USP, 1998.

SILVA, Antonio Ozaí da. **Suicídio, literatura e sociologia.** Revista Espaço Acadêmico, nº 44 janeiro de 2005, mensal, Universidade Estadual do Maringá.

UENO, Kayoko. **O suicídio é o maior produto de exportação do Japão?**
Notas sobre a cultura de suicídio no Japão. Revista Espaço Acadêmico, nº
44 janeiro de 2005, mensal, Universidade Estadual do Maringá.

VOMERO, Maria Fernanda. **Porque uma pessoa se mata?** Revista
Superinteressante, janeiro de 2003.